

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Ana Cláudia Landi Fonseca

**“SÓ QUERO DAR UMA DICA MUITO IMPORTANTE, FAÇA AMIGOS”:
Educação em tempo integral na perspectiva de estudantes do ensino
fundamental**

Porto Alegre
1.Semestre
2015

Ana Cláudia Landi Fonseca

**“SÓ QUERO DAR UMA DICA MUITO IMPORTANTE, FAÇA AMIGOS”:
Educação em tempo integral na perspectiva de estudantes do ensino
fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

*Orientador: Prof. Dr. Tania Beatriz Iwaszko
Marques*

Porto Alegre
1.º Semestre
2015

Dedico este trabalho a todas as crianças que foram fundamentais para minha formação docente, todas aquelas que fizeram parte do processo de me tornar Professora.

AGRADECIMENTOS

Gratidão maior eu tenho a Deus, por seu amor e misericórdia, que me sustentaram até aqui, pelo presente da fé, que me dá paz e esperança para viver.

Agradeço a minha mãe, por todo cuidado, amor, incentivo e amparo, que me permitiram sonhar e acreditar que eu poderia ser capaz de realizar este trabalho.

Agradeço minha orientadora, por ter aceitado orientar este trabalho, compartilhando de seu tempo e conhecimento com tanta paciência e dedicação.

“[...] a escola é importante, influencia, e muito, nossas vidas. O que levamos de tantas horas vividas no tempo da escola? Levamos hábitos, sobretudo. Hábitos de pensamento, formas de raciocínio, gestos, sensibilidades, formas de fazer, de compartilhar, de intervir. [...]” (Arroyo, 2001, p.112)

RESUMO

Este trabalho tem como tema a perspectiva de estudantes do ensino fundamental acerca de suas vivências na educação em tempo integral, motivado pela hipótese de que os alunos não gostam da experiência de passar o dia na escola. Tem como proposta refletir sobre essas perspectivas, analisando os dados obtidos. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com inspiração no Método Clínico de Piaget, de modo que os estudantes contassem, como se fosse para uma aluna nova, como é estudar em uma Escola de Turno Integral. Parte-se dos objetivos principais para a Educação Integral, propostos pela legislação, tendo como principal fundamentação teórica a professora Jaqueline Moll. Com base nas respostas, refletiu-se sobre a importância do brincar e das relações sociais possibilitadas pela escola.

Palavras-chave: Educação Integral. Escola de Tempo Integral. Perspectivas de estudantes.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	7
2	PASSANDO O DIA NA ESCOLA.....	9
2.1	PRESSUPOSTOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL.....	
2.2	EDUCAÇÃO INTEGRAL E EM TEMPO INTEGRAL.....	11
3	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	13
4	ALGUMAS DICAS.....	16
4.1	FAÇA AMIGOS.....	17
4.2	APROVEITE PARA BRINCAR.....	19
4.3	NÃO ENTRE EM BRIGAS.....	22
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
	REFERÊNCIAS.....	29

1 APRESENTAÇÃO

Este trabalho apresenta uma pesquisa qualitativa referente às perspectivas de alunos que vivenciam a Educação em tempo integral, através de entrevistas semi-estruturadas com uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Porto Alegre. Este trabalho visa ao estudo dos principais pressupostos da Educação Integral e os meios utilizados para aplicá-los, trazendo relações e análises dos depoimentos de alunos que estão participando dessa realidade.

A motivação para o tema deste trabalho surgiu na escola em que fiz meu estágio curricular, porque alguns alunos expressavam certa insatisfação em ter que passar dois turnos na escola. Baseando-me em algumas falas, concluí, em uma hipótese inicial, que as crianças não gostavam dessa ampliação do tempo de permanência, levando-me ao interesse de voltar a essa escola e recolher mais depoimentos sobre as perspectivas dos alunos.

Este trabalho tem como referencial teórico principal a Professora Jaqueline Moll, Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que foi Diretora de Currículos e Educação Integral da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, de 2007 a 2013. Outras referências são a constituição brasileira e autores que seguem na mesma direção de Jaqueline Moll, como Miguel Arroyo e Gesuína Leclerc. É importante frisar que durante a pesquisa bibliográfica não foram encontrados autores que fossem contrários a idéia da Educação em tempo Integral.

No capítulo dois, intitulado *Passando o dia na escola*, apresentam-se as principais bases teóricas que fundamentam a Educação Integral. Está dividido em duas partes, que visa expor as diferenças entre a Educação Integral e Educação em Tempo Integral.

A metodologia da pesquisa está exposta no capítulo três deste trabalho, em que é possível conhecer os caminhos percorridos, como a construção das entrevistas, escolha dos sujeitos e estratégias para análises.

No capítulo intitulado *Algumas dicas*, apresentam-se os dados e análises. O seu título foi escolhido pela forma como os estudantes responderam as questões, como se estivessem dando conselhos. Esse capítulo está dividido em três partes,

sendo que a primeira aborda a importância das amizades, a segunda o brincar e a terceira as questões de violência na escola.

Por fim, no quinto e último capítulo, são encontradas as considerações finais sobre o trabalho.

2 PASSANDO O DIA NA ESCOLA

O presente capítulo aborda alguns objetivos e conceitos que fundamentam a Educação Integral, compreendendo a contribuição de teóricos e a legislação que defendem a importância dessa medida, através da Educação em Tempo Integral. O capítulo está organizado em duas partes: a primeira abrange a Educação Integral e sua importância do ponto de vista de teóricos e da legislação; a segunda aborda a Educação em Tempo Integral como meio de aplicar os princípios da Educação Integral.

2.1 PRESSUPOSTOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL

Antes de surgir o termo Educação Integral, os seus pressupostos já eram idealizados e discutidos por teóricos que defendiam a importância de tratar o aluno como sujeito integral, contemplando suas diversas dimensões. Jaqueline Moll¹ menciona a importância de lembrar esses teóricos que nos ajudam a refletir sobre a educação, expondo um dos principais pressupostos de partida para a Educação Integral, embasado nos ideais de Hannah Arendt (*apud* MOLL, 2011, p.7):

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável, não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens; as nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as, em vez disso, com antecedência, para a tarefa de renovar um mundo comum.

Nessa citação, a filósofa Hanna Arendt reforça a importância da educação como forma de acolher as crianças e os jovens, com a responsabilidade de incentivá-los a romper com um ciclo de repetições que levam à estagnação. Também é possível perceber nessa citação os conceitos de cuidado e de suprimento que

¹ Em apresentação para o II Seminário de Educação Integral. Para aprofundar o tema ver a apresentação completa em: <https://www.youtube.com/watch?v=GHjM2WBsrwE>, ou conferir os slides da apresentação na referência citada.

fazem parte fundamental dos princípios da Educação Integral, que tem como uma de suas propostas a de amparar os alunos em suas necessidades.

De acordo com Moll (2012), não existe um caminho único em que podemos apontar o surgimento da Educação Integral, pois diversas matrizes conduziram a pensar na educação de forma integral. Além de Hanna Arendt, Moll (2012) também relembra Anísio Teixeira e Paulo Freire como grandes pensadores que contribuíram para a reflexão de uma Educação Integral.

A Educação Integral, do mesmo modo que é fundamentada por teóricos importantes, também está amparada pela legislação, que, mesmo não mencionando a expressão Educação Integral, garante a base necessária para que ela seja realizada, conforme está disposto nos Art.1º, Art. 3º, Art. 4º e Art. 5, da lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990, que determina o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e dá outras providências (BRASIL, 1990):

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

A legislação prevê que as crianças e os adolescentes tenham um atendimento integral, que contemple as diversas dimensões necessárias para a preservação da vida e da dignidade de um cidadão. A escola é tida como um dos principais meios para que as crianças e os adolescentes possam ser atendidos em suas necessidades básicas, sendo, para muitos estudantes, um dos únicos lugares onde conseguem obter algum desses benefícios descritos pelo ECA. Em muitos casos, a escola é o lugar no qual os estudantes são informados, pela primeira vez, que possuem direitos.

2.2 EDUCAÇÃO INTEGRAL E EM TEMPO INTEGRAL

Tendo em vista que a Educação Integral está bem fundamenta em seus pressupostos, sendo garantida pela legislação, pensa-se a forma como tais princípios poderão ser aplicados. Surgem, então, as reflexões que levam a pensar na Escola de Tempo Integral, que não deve ser confundida com a Educação Integral. Miguel Arroyo² aponta as diferenças entre as duas expressões:

Educação Integral, não é a mesma coisa que Educação em Tempo Integral. Na concepção da educação Integral o ser humano é um sujeito total, integral, enquanto sujeito de cultura, de valores, de ética de identidade, de memória, de imaginação e a educação tem que dar conta de todas essas dimensões para a formação do ser humano. A própria LDB, artigo 2º, coloca isso, a função da educação é garantir o pleno desenvolvimento humano. A ideia de educação em Tempo Integral, ela em parte coincide com isso, no sentido que para poder dar conta de todas essas dimensões da formação humana, precisa de mais tempo.

A ampliação do tempo na escola é vista como uma forma de garantir a efetivação desses princípios, argumento que é reforçado por Moll, reportando-se aos ideais de Anísio Teixeira (*apud* MOLL, 2011, p.7):

Todos os estudos, de verdadeira e autêntica formação para o trabalho seja o trabalho intelectual, científico, técnico artístico ou material, dificilmente podem ser estudados em tempo parcial, dificilmente podem ser feitos em períodos apenas de aula, exigindo além disso e, sempre, longos períodos de estudo individual – e para tal grandes bibliotecas, com abundância de livros e de espaço para o estudante – longos períodos de prática em laboratórios, sala- ambiente, ateliês, etc., e longos períodos de convivência entre os que estão formando e os professores. Somente com professores de tempo integral e alunos de tempo integral poderemos formar esses trabalhadores de nível médio

Ao compreender a importância de se aumentar a jornada escolar, começa-se a pensar de que forma seria possível realizar a Educação Integral e em Tempo Integral na forma prática. Em vista disso, alguns projetos foram elaborados para a efetivação da Educação Integral nas escolas, surgindo, então, o Programa Mais Educação. Nessa perspectiva, Leclerc e Moll (2012) fazem menção ao Ministério da Educação, como a instituição responsável pela elaboração e implementação da Educação Integral, através do Programa Mais Educação:

² Entrevista transcrita, versão em vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SzqmiJLxmbc>

[...] a estratégia de Educação Integral, engendrada pelo Programa Mais Educação, que é desenvolvido pelo ministério da Educação em parceria com Estados e Municípios; e que materializa a inclusão da Educação Integral e em Tempo Integral na agenda de políticas educacionais do governo brasileiro. Em abril de 2007, no âmbito das ações do Programa de Desenvolvimento da Educação (PDE), por meio da Portaria Interministerial n.º 17 que teve como signatários os Ministérios da Educação, Cultura, Esporte, Desenvolvimento Social, instituiu-se o Programa Mais Educação. (LECLERC; MOLL, 2012, p. 95)

O Ministério da Educação desenvolveu o programa Mais Educação como estratégia para incluir a Educação em Tempo Integral nas escolas. O Programa dispõe de verba³ para alimentação, material e contratação de monitores com finalidade de ampliar o tempo na escola, propondo diversas atividades diferenciadas para os estudantes. Nesse sentido, Moll (2012) reforça a importância de refletir se o aumento de tempo na escola está sendo feito de forma produtiva e de qualidade, para que a Escola de Tempo Integral não seja apenas por uma escola que oferece dois turnos, mas que atenda as crianças e os jovens em seus anseios, de forma que sejam compreendidos, que sejam incentivados a crescerem dentro de suas capacidades e contemplados em todas as suas dimensões humanas.

³ Para obter mais informações sobre o Programa Mais Educação, acesse o portal do MEC, disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=16690&Itemid=1115

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente trabalho consiste em uma pesquisa de caráter qualitativo, em que “[...] o pesquisador vai a campo buscando ‘captar’ o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes.” (GODOY, 1995, p.21).

Foram feitas entrevistas semi estruturadas com os alunos de uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, com objetivo principal de descobrir quais são as perspectivas de estudantes que vivenciam a Educação em Tempo Integral. A pesquisa foi feita em uma escola de Ensino Fundamental da prefeitura de Porto Alegre, que participa do Programa Mais Educação. Trata-se de um Estudo de Caso, uma vez que foi escolhido um contexto específico para obter dados e analisar, em que:

[...] os pesquisadores procuram responder às questões “como” e “por que” certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real. (GODOY, 1995, p.26)

A escola pesquisada foi onde realizei meu estágio curricular, em que tive a oportunidade de observar o funcionamento de uma escola de Tempo Integral, sendo útil para obter algumas informações que foram utilizadas no trabalho. A turma foi escolhida pela coordenação pedagógica, uma turma de 16 alunos com a faixa etária entre oito e nove anos. Todos os alunos dessa turma foram selecionados para entrevista, mas apenas 12 foram entrevistados porque quatro alunos não estavam presentes nas três visitas realizadas e não foi possível realizar uma 4ª visita a escola. Dos 12 alunos entrevistados, dois alunos não demonstraram estar confortáveis com a entrevista e deram respostas curtas e diretas.

Não foi preciso utilizar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, porque os pais e responsáveis assinaram esse termo durante a realização da matrícula, no qual consta a liberação do direito de imagem dos alunos e a participação em trabalhos e pesquisas acadêmicas. Mesmo assim, cada estudante foi informado sobre o procedimento da pesquisa e livre para decidir se queria ou não participar.

Para preservar a identidade dos estudantes, foram escolhidos nomes fictícios, que já indicam o gênero de cada entrevistado.

As entrevistas foram gravadas em dois celulares para evitar o risco de ficar sem instrumentos por ocorrência de problemas técnicos. Depois foram feitas as transcrições de cada entrevista, utilizando-se de algumas correções gramaticais, mas foram mantidas as expressões regionais. Assim que as transcrições foram feitas, as falas foram distribuídas em uma tabela, para facilitar a análise das possíveis categorias. Algumas perguntas não foram incluídas no trabalho, algumas por não terem provocado repostas significativas e outras pelo curto espaço de tempo para a realização das análises, em que foi preciso escolher as respostas que mais se destacaram, ou por serem recorrentes ou por serem muito diferentes das demais.

Para a entrevista, foi utilizada uma história para abordar o assunto com os alunos, de forma que as perguntas não ficassem muito diretas, o que poderia intimidar e, conseqüentemente, resultar em repostas curtas que pouco contribuiriam para analisar as perspectivas dos alunos. Delval (2002), ao explicar o Método Clínico piagetiano, comenta sobre a estratégia de utilizar histórias para que o sujeito possa comentar e expor suas opiniões sobre determinados assuntos:

Se estamos tratando especificamente do conhecimento sobre o mundo social, o mais provável é que utilizemos um método verbal por excelência, isto é, a coleta de dados será feita sobretudo mediante nossas perguntas e as repostas do sujeito. Entretanto, para estimular essas repostas, poderemos recorrer a outros elementos, como histórias que lhe contamos [...] (DELVAL, 2002, p.90)

Para estruturar as perguntas da entrevista, foram utilizados alguns dos principais objetivos da Educação em Tempo Integral, destacando alguns elementos considerados fundamentais para que o aluno passe dois turnos na escola, como alimentação, hora do sono, atividades físicas e momentos de lazer. Também foram postas em consideração algumas das hipóteses iniciais sobre as questões que poderiam afetar o cotidiano dos alunos, como a violência e a quantidade de tempo que eles passam na escola.

Roteiro para a entrevista

Conheço uma criança da tua idade que irá estudar nesta escola. Ela gostaria muito de descobrir coisas novas sobre a escola e pediu para que os alunos contassem sobre como é estudar aqui.

Ela fez algumas perguntas sobre o que ela mais gostaria de saber:

1. Que horas vai ter que chegar na escola e que horas irá embora?
2. Terá que dormir na escola? (como é nessa hora?)
3. Tem comida na escola? (como é a comida, será que ela vai sentir fome?)
4. O que tem de mais legal em ficar na escola?
5. O que será que ela não vai gostar?
6. O que tem para aprender nesta escola?
7. Ela ouviu dizer que nesta escola tem que ficar de manhã e também de tarde.
Será que ela vai gostar de ficar de manhã e de tarde?
8. Tem esportes nesta escola?
9. Tem dança na escola?
10. O que ela pode fazer quando tiver dúvidas ou não entender alguma coisa da aula?
11. Na outra escola que ela estudava tinha violência. Como é nessa escola?
Vocês falam sobre isso? Com quem?
12. O que mais tu queres dizer para ela sobre esta escola?

4 ALGUMAS DICAS

Neste capítulo serão apresentadas as análises dos dados obtidos a partir das respostas dos estudantes sobre suas perspectivas em relação às suas vivências na Educação em Tempo Integral.

O capítulo foi intitulado *Algumas dicas*, pela forma como os estudantes responderam as questões, como se estivessem dando conselhos, demonstrando preocupação em orientar a menina da história, que foi utilizada como método para evitar perguntas diretas que poderiam intimidar os entrevistados.

Como estratégia para analisar os dados obtidos, alguns excertos das narrativas foram selecionados e categorizados, de forma que este capítulo divide-se em três partes. A primeira parte traz análises sobre a importância do brincar, que foi unânime na perspectiva de todos os estudantes entrevistados. A segunda parte aborda as relações de amizade na escola. Por fim, a terceira parte abrange as questões sobre a violência no cotidiano escolar.

Nome e idade dos entrevistados⁴

Nome	Idade
Alice	8 anos
Bruna	9 anos
Diego	8 anos
João	9 anos
Júlia	8 anos
Pedro	9 anos
Rafael	8 anos
Sabrina	8 anos
Silas	8 anos
Yago	8 anos

⁴ Nomes fictícios escolhidos para preservar a identidade e indicar o gênero dos entrevistados

4.1 FAÇA AMIGOS

Ao responderem a pergunta: “**O que mais tu queres dizer para ela sobre esta escola?**”, os alunos demonstraram estar preocupados em repassar algo que fosse importante para a aluna que ainda não conhecia a escola. Dos doze estudantes entrevistados, oito ressaltaram a importância de se ter amigos na escola, levando em consideração suas próprias experiências. Os entrevistados relembram situações em que um amigo acaba tornando-se fundamental, como é possível observar nos três excertos a seguir:

Só quero dar uma dica muito importante: faça amigos. Um amigo te ajuda a aprender coisas novas, tem muita coisa nova para aprender e com amigos fica bem mais fácil. (Silas)

Aqui tem turno integral, se tiver algum imprevisto ela pode sair meio dia. Se ela não gostar ou se incomodarem ela, ela tem que aprender a fazer o primeiro amigo, porque é importante para ajudar, depois ela pode ter mais amigos, isso é muito importante. (Rafael)

Quando eu cheguei na escola eu estava morrendo de medo, mas daí conheci dois amigos, comecei a seguir uma menina e um menino, meus colegas e quis fazer amizade com eles. Daí com eles eu não fiquei mais com medo. (Bruna)

Nas três narrativas, foi possível perceber um tom de preocupação em ajudar essa aluna nova, sendo que Silas chega a enfatizar que “quer dar uma dica muito importante”, e logo explica o quanto um amigo pode ajudar no aprendizado. Rafael conta sobre o funcionamento da escola e informa como ela pode proceder, atentando para possíveis problemas que podem surgir na escola e como um amigo é importante para ajudar a enfrentar aquilo que não for agradável para ela.

Do mesmo modo, Bruna ressalta o quanto fazer amizades a ajudou a enfrentar o medo que teve em suas primeiras experiências na escola. Ela relembra o sentimento inicial de estar em um lugar novo e explica como conseguiu lidar com a situação, de forma que a menina da história tivesse conhecimento de como agir nesses momentos.

Analisando as entrevistas, em especial os excertos considerados, percebe-se que existe uma forma de cooperação entre os estudantes dessa turma, devido à ênfase que deram às amizades e como ter um amigo pareceu ser essencial para ajudar a aprender e enfrentar os momentos do cotidiano escolar. Os estudantes também demonstraram essa prática de cooperação com o próximo, ao demonstrarem preocupação em dar conselhos à menina que eles achavam que iria começar a estudar na mesma escola.

La Taille (2006) refere-se a Piaget ao trazer à discussão a importância das interações entre as crianças, as quais possibilitam a experiência de envolverem-se em uma relação social, desenvolvendo a capacidade de sentir empatia pelos que os cercam. O autor comenta a teoria de Piaget, de que as crianças precisam construir relações entre elas, de forma que possam desenvolver o juízo moral, justificando que nas relações com os adultos elas aprendem a obedecer aquilo que está sendo imposto, mas sem correr o risco de serem privadas dessa relação, como no caso da família. Por outro lado, o desentender-se com um colega da mesma idade pode provocar o término da amizade.

Abrace os professores

No que diz respeito às relações entre os adultos e as crianças, duas narrativas se destacaram:

Ela está preocupada em sentir falta de casa, porque ela só estuda de manhã, como será que ela vai se sentir de ter que passar a tarde na escola, será que ela vai sentir falta de casa? Não, porque aqui é bem legal, aqui todo mundo é nossa família, se ela ficar com saudade do pai, abraça o professor Thiago⁵ e se ela sentir falta da mãe abraça a professora Maria⁶. (Alice)

Se ela sentir falta da família pode ficar com a diretora, pedir para ligar para os pais. (Bruna)

Durante a entrevista, Alice ficou emocionada ao relacionar a escola como uma família, ficando com os olhos cheios de água ao explicar que quando sentir saudades dos pais pode abraçar o professor Thiago ou a professora Maria. A narrativa da estudante evidencia o acolhimento de dois adultos que se dispõem a

⁵ Coordenador Pedagógico

⁶ Vice diretora

oferecer carinho para a criança que sente falta dos pais. Esse acolhimento também pode ser identificado no depoimento de Bruna, que estabelece uma estratégia para suprir a saudade que sente dos pais, contando com a cooperação da diretora.

A atitude do docente em se propor a conhecer e levar em conta a história de vida e os anseios do aluno, percebendo e acolhendo esse aluno em suas necessidades, traz à discussão a importância do professor exercer sua humanidade. A escola é o local onde as vivências se encontram e o docente, pensando em tudo isso, deve ser humano ao amparar os seus alunos:

Nesse processo de redefinir o saber escolar, as funções sociais, políticas e culturais da escola em função de projetos de sociedade e de ser humano, de cidade e de cidadania não perdemos a centralidade nem do conhecimento, nem de nosso ofício de ensinar. Nos redescobrimos em horizontes, intencionalidades e significados mais abertos. Reaprendemos que nosso ofício se situa na dinâmica histórica da aprendizagem humana, do ensinar e aprender a sermos humanos. Por aí reencontramos o sentido educativo do nosso ofício de mestre, docentes. Descobrimos que nossa docência é uma humano docência. (ARROYO, 2001.p.53.)

Arroyo (2001) sugere o desafio de, enquanto educadores, propor uma humanização da docência, da reflexão, do fazer pedagógico e dos espaços escolares que abrigam nossos alunos. O Planejamento na escola de tempo integral precisa ir além dos conteúdos convencionais, é onde a “humano docência” precisa ser aplicada, para compreender o aluno em sua integralidade, sendo preciso ter um olhar sensível, conhecer a história dos alunos que vivem uma porção significativa na escola. Isso para que se possa perceber a necessidade, os anseios e tudo aquilo que implica na vida de um ser humano e que pode afetar a sua aprendizagem.

4.2APROVEITE PARA BRINCAR

Quando questionados sobre o que a escola tem de mais legal, os alunos mencionaram os momentos de brincadeiras, revelando a importância que o brincar na escola tem, de acordo com sua perspectiva. Dos doze estudantes entrevistados, dez demonstraram maior interesse ao falar sobre as brincadeiras. Eles sorriam e falavam com animação ao mencionarem as oportunidades que tinham para brincar,

sendo que alguns precisaram de uma pausa para pensar e concentrar-se para responder, demonstrando interesse para responder a questão, como ocorreu na entrevista da Alice:

O que tem de mais legal em ficar na escola? O que tem de mais legal são os recreios; nós temos três: quando a gente chega tem um momentinho pra brincar, depois tem o recreio da manhã e o recreio da tarde. Nós aproveitamos muito para brincar. Na quinta-feira, saímos às três horas e meia da tarde e podemos brincar até a combi chegar.

No início da entrevista, Alice estava tímida e respondia com poucas palavras e sem muitos detalhes, mas começou a demonstrar interesse e animação ao falar sobre os recreios, mostrando preocupação em lembrar-se dos momentos em que podia brincar. Brougère (2009) salienta que esses momentos são fundamentais para a alegria das crianças, em que podem brincar livremente, pelo simples prazer de entrar em um mundo de faz de conta.

Do mesmo modo, outros entrevistados demonstraram entusiasmo ao falar sobre o recreio e como o sentimento de estar ao ar livre os deixa felizes:

O recreio é legal de fazer, todo mundo fica fazendo brincadeira, jogamos bola, a gente fica se sentindo livre, dá para correr e se soltar. (Pedro)

O que tem de mais legal é o recreio. **Por quê?** Não sei explicar, aqui o recreio é livre. (Júlia)

Eu gosto desta escola porque ela não é fechada, podemos brincar, às vezes até colocam brinquedos no pátio para a gente brincar. (Sabrina)

As brincadeiras são legais, gostamos de inventar brincadeiras no pátio, eu gostava de sair da sala e pegar um arzinho na rua, correr com os colegas e rir muito. Tem que aproveitar essas brincadeiras. (Yago)

Os quatro entrevistados fazem referência ao pátio como um lugar aberto, em que podem realizar suas brincadeiras de forma livre. Pedro esclarece que no recreio ele tem seu momento de sentir-se à vontade para se soltar e realizar aquilo que gosta, tendo sido possível, durante a entrevista, notar a satisfação em descrever esse sentimento de liberdade. Da mesma maneira, Yago descreve esse sentimento,

sendo detalhista ao lembrar-se de como gostava de sentir o ar da rua ao sair da sala. Júlia também comenta que o recreio é livre, não sabendo bem responder o motivo, mas considerando ser o que tem de mais legal na escola.

Ao analisar as entrevistas, foi possível perceber que as brincadeiras são fundamentais no cotidiano escolar dos alunos entrevistados. Quando foram questionados sobre o que tem de mais legal na escola, as respostas foram unânimes, todos os alunos mencionaram os recreios e as brincadeiras. A professora Tânia Ramos Fortuna (2004) defende a importância desses momentos de brincadeiras, ressaltando os benefícios que elas nos proporcionam, estimulando a prática do brincar:

Brincamos / jogamos para dominar angústias e controlar impulsos, assimilando emoções e sensações, para tirar as provas do Eu, estabelecer contatos sociais, compreender o meio, satisfazer desejos, desenvolver habilidades, conhecimentos e criatividade. (FORTUNA, 2004, p. 49)

No entanto, nenhum momento de brincadeira em sala de aula foi citado, sendo que os alunos falaram apenas das brincadeiras feitas no pátio. Um dos entrevistados chega a frisar que a sala de aula não é lugar de brincar:

O que mais tu gostarias de dizer para ela sobre esta escola? Eu acho que ela precisa saber que ela pode brincar com os guris, que ela pode brincar de esconde-esconde, jogar vôlei e brincar do que ela quiser, no recreio, mas não na aula. ***Por que não na aula?*** Porque aula não é lugar de brincar, a professora fica muito braba, quem brinca na sala não pode brincar no recreio. (João)

O aluno menciona diversas possibilidades de diversão que o recreio pode proporcionar, mas ele adverte que nada disso pode ser feito em sala de aula. O argumento de João, que pode ter sido embasado pela atitude da professora, conclui que as brincadeiras estão restritas ao recreio. A fala desse estudante reforça algo que se observa de forma recorrente na educação fundamental, quando “só se brinca na escola se sobrar tempo ou na hora do recreio, sendo que estes momentos correm, permanentemente, o risco de serem suprimidos, seja por má conduta, seja por não ter feito o tema ou ainda por não ter dado tempo” (FORTUNA, 2000, p.147). Brincar, além de muito importante na visão dos teóricos, é um direito das crianças:

O brincar de faz-de-conta, por sua vez, possibilita que as crianças reflitam sobre o mundo. Ao brincar, as crianças podem reconstruir elementos do mundo que as cerca com novos significados, tecer novas relações, desvincular-se dos significados imediatamente perceptíveis e materiais para atribuir-lhes novas significações, imprimir-lhes suas ideias e os conhecimentos que têm sobre si mesma, sobre as outras pessoas, sobre o mundo adulto sobre lugares distantes e/ou conhecidos. (BRASIL, 1998. P.171)

Nessa perspectiva, a Escola de Tempo Integral é um lugar que deve ofertar tempo e espaço para que tais práticas sejam garantidas. Porém não somente como forma de lazer, mas também para práticas de ensino que podem e devem ser utilizadas nos diversos espaços que a escola dispõe. Brougère (2010) salienta a importância do educador para potencializar as brincadeiras, trazendo novos materiais e propostas que impulsionem ainda mais a criatividade das crianças.

4.3 NÃO ENTRE EM BRIGAS

A violência na escola foi um dos principais motivos que levaram à hipótese inicial de que os estudantes não gostavam de passar o dia na escola, levando ao questionamento de como essas questões são resolvidas pela escola e como os alunos dessa turma percebiam a questão da violência no cotidiano escolar. Dos doze estudantes entrevistados, três responderam que a violência existe na escola, mas reconhecem as formas de como lidar com essas situações, como no seguinte excerto:

Na outra escola que ela estudava tinha violência. Como é nessa escola? Vocês falam sobre isso? Com quem? Aqui só tem violência se tu ficar implicando, procurando briga. E se tiver briga, como ela pode resolver? Ela pode falar com a diretora ou com a professora que fica no recreio, elas sempre cuidam para não ter brigas. (Alice)

A entrevistada menciona que a violência acontece quando alguém acaba provocando os colegas, na intenção de iniciar uma briga. Na entrevista, foi possível verificar que a estudante percebe os motivos que podem gerar desentendimentos, demonstrando saber como lidar com a situação, sem mostrar estar angustiada ou

preocupada com a violência na escola, explicando que a professora e a diretora cuidam para que as brigas não ocorram.

Por outro lado, Diego aponta uma preocupação com a menina da história; quando questionado sobre o que ela poderia não gostar na escola, menciona a questão da violência:

O que será que ela não vai gostar? Eu não gosto quando alguém me puxa e briga comigo, mas acho que vai ser uma boa, às vezes alguém briga de brincadeira, mas muitas vezes é de verdade. Uma aluna grande já deu com um galho na cabeça de um guri e ele ficou com um corte. **E os alunos ficam com medo?** Às vezes sim. **E o que acontece quando alguém briga?** Tem que chamar a direção. Tipo ali no futebol, quando começa uma briga as pessoas vão lá dizer pra diretora. (Diego)

O estudante comenta sobre uma situação desagradável em que lhe puxaram e brigaram com ele, pondera dizendo que algumas brigas são de brincadeiras, mas menciona um acontecimento forte de violência para salientar que muitas vezes as brigas são de verdade. Ele responde que às vezes os alunos sentem medo dessas situações, mas nesse momento da entrevista, ele ergue os ombros e sorri, demonstrando não estar tão preocupado com a questão.

De diferente modo, percebe-se, na narrativa a seguir, uma grande preocupação de alguém que provoca alguma situação de violência:

Tem bastante violência aqui, às vezes quando uma pessoa bate em alguém ela fica arruinada. **Como assim?** Tu bate e a pessoa começa a chorar, tu fica arrependido, tu fica com medo, tenta pedir desculpa e a pessoa não aceita, daí tu fica com vergonha porque tu fica arrependido. **E se alguém bate, o que fazer?** Aí procura uma professora ou faz as pazes. (Silas)

Silas descreve uma situação em que argumenta sobre o sentimento da pessoa que age com violência, mencionando a questão do arrependimento e a preocupação com o choro do próximo. Nota-se que o estudante tem a noção do quanto suas ações podem atingir seus colegas, demonstrando capacidade de colocar-se no lugar do outro. Ele fala sobre tentar pedir desculpas, demonstrando ter consciência de que precisa reparar o erro que cometeu, tentando repará-lo, expondo um sentimento de vergonha que sente ao não ser desculpado. Para Maturana (*In*: MATURANA e REZEPKA, 2002) a construção dessa consciência deve ser facilitada pela escola:

A tarefa da educação escolar é permitir e facilitar o crescimento das crianças como seres humanos que respeitam a si próprios e os outros com consciência social e ecológica, de modo que possam atuar com responsabilidade e liberdade na comunidade a quem pertencem (MATURANA e REZEPKA, 2002, p.13)

O autor defende o quanto a escola pode propiciar relações de respeito mútuo, em que os estudantes percebem-se como pertencentes a uma sociedade, desenvolvendo-se em sua humanidade. Leclerc e Moll (2012) apontam a necessidade de ampliar a jornada escolar, para que os alunos possam usufruir ainda mais dessas experiências, em que aprendem com as relações que estabelecem com as pessoas da sua idade e também com os adultos.

As três narrativas assemelham-se na parte em que os estudantes orientam a recorrer a um adulto em situações de brigas, demonstrando respeito a um princípio estabelecido pela escola. Considerando a importância do adulto como mediador em momentos assim, La Taille (2008) explica:

É preciso cuidar para que a criança não substitua a figura do adulto. Ela precisa dessa referência de autoridade, de proteção, de confiança. Depois, à medida que turma vai tomando consciência e refletindo sobre as questões as questões morais, pouco a pouco o grupo passa a assumir essa referência. (LA TAILLE, 2008, p.3)

O autor evidencia a importância do adulto para orientar os estudantes em seus conflitos, comentando que o adulto tem o papel de protetor, aquele que vai amparar os alunos em suas dificuldades. Lembrando que nas relações constituídas na escola, o professor não deve perder o seu papel de autoridade, gerando um ambiente de confiança, levando sua turma a refletir sobre diversas questões que podem gerar conflitos, possibilitando, assim, a capacidade de autonomia dos alunos. Tal atitude visa a auxiliar que os alunos aprendam a resolver seus problemas, tanto na escola, como na realidade que enfrentarão fora dela.

Ao analisar os excertos, reflete-se novamente sobre a importância das relações sociais construídas pelas crianças no cotidiano escolar. La Taille (2008) reforça o argumento de que a escola ajuda as pessoas a desenvolverem a capacidade de resolver conflitos coletivamente, levando-se em consideração as interações que o convívio diário na escola pode proporcionar.

Ao considerar as narrativas, analisando a importância das interações no cotidiano escolar, pondera-se a relevância da ampliação da jornada escolar para a formação humana dos estudantes. Considera-se que são muitos os benefícios propostos, levando em consideração as próprias perspectivas dos estudantes entrevistados, que apontam muito mais pontos positivos do que negativos sobre a escola em que convivem diariamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa, foi possível identificar algumas perspectivas de estudantes do ensino fundamental acerca de suas experiências na Educação em Tempo Integral. Tinha como hipótese inicial, embasada por narrativas de alunos pertencente da mesma escola, mas não da mesma turma pesquisada, de que os alunos não gostavam dessa ampliação do tempo na escola.

Durante a experiência do estágio curricular, observava algumas situações que reforçavam a hipótese de que era desagradável para os alunos passar o dia na escola. Todavia, a partir das análises das entrevistas, pude constatar que muitos alunos gostam de ficar na escola, inclusive mencionam momentos de felicidade, como as brincadeiras, falam sobre as relações de amizade e respeito que constroem, evidenciando o quanto a escola tem lhes ensinado questões que vão além do conteúdo didático.

Este trabalho não tinha como pretensão alcançar todas as diversas perspectivas dos diversos alunos que vivenciam a Educação em Tempo Integral. É importante ressaltar que os achados foram identificados dentro de um contexto específico, em que os estudantes pesquisados estão inseridos. Desse modo, as perspectivas deles são únicas, definidas e afetadas pelo cenário pesquisado.

Nessa perspectiva, considero importante ressaltar que a escola pesquisada está muito bem amparada pela Secretária Municipal de Porto Alegre, dispondo de diversos materiais, verba para os monitores do Programa Mais Educação, possuindo uma infraestrutura privilegiada. Acredito que todas essas vantagens elevam a qualidade do tempo que é oferecido pela escola, afetando diretamente nas perspectivas dos alunos.

Além do contexto, cabe frisar a importância de levar em conta as falas dos alunos e o quanto podemos aprender através da observação e reflexão do modo em que as proferem e sob quais circunstâncias. Ao ouvir seus alunos, o docente pode enriquecer suas práticas, aprendendo com eles a entender suas formas de pensar e seus interesses.

Entendo que essa observação precisa ser reflexiva, sendo importante para um planejamento que vise à integração, de modo que o aluno seja atendido

conforme as suas reais necessidades. Creio que seja necessário tornar a escola um lugar de pesquisa para o professor, pois, conforme as ideias de Miguel Zabala (2003), a escola é um lugar repleto de dilemas que devem ser problematizados pelo professor:

Embora possam apresentar-se ao professor problemas gerais relacionados à educação e às escolas, eles lhe são apresentados em um contexto singular e com algumas características particulares que deverá enfrentar em um contexto específico de condições. (ZABALA, 2003, p.11)

O autor destaca que cada escola tem suas próprias características e necessidades, mostrando a importância de reconhecer o lugar em que trabalha e seus contextos, assim sendo possível trabalhar a partir da realidade, de forma que as aprendizagens possam fazer sentido para os alunos, porque podem contemplar suas necessidades e interesses.

Considero também que o trabalho poderia ser ampliado em novas pesquisas, como a realização de uma análise psicanalítica, em que seria possível realizar um aprofundamento teórico do comportamento dos entrevistados. Para isso, aumentaria o número de visitas à escola, incluindo períodos de observação, de forma que obteria mais dados. Também seria interessante realizar a pesquisa com estudantes de outras idades e em outros contextos.

Concordo com Moll (2012) quando, diante de tantas questões que permeiam a educação, relembra os conceitos de Anísio Teixeira e Paulo Freire ao refletir sobre os rumos da educação:

[...] pensar a educação integral como educação para a vida e como ação das muitas forças sociais que podem articular-se para reinventar a escola são as tarefas que nos congregam. Portanto, temos, todos, muito trabalho pela frente! (MOLL, 2012, p.30)

Por fim, trago a minha posição sobre a Educação em Tempo Integral, tendo em vista as considerações da Professora Jaqueline Moll, que defende, de forma tão clara, os diversos pressupostos e princípios que definem a Educação em Tempo Integral. Diante de ideais tão nobres e bem embasados, não ficam dúvidas sobre a

importância da ampliação da jornada escolar, sendo realmente fundamental para contemplar as diversas dimensões humanas, objetivo considerado principal da Educação Integral.

REFERÊNCIA

ARROYO, Miguel G. **Ofício do mestre**, Imagens e auto imagens. 3º Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. **ECA _ Estatuto da Criança e do Adolescente**.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental**. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.3v.: il. P.163-203.

BROUGERE, G.; Wajskop, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo (SP): Cortez, 2010.

BROUGÈRE, Gilles. **O aprendizado do brincar | Pré-escola - 4 e 5 anos | Nova Escola**. 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/desenvolvimento-e-aprendizagem/entrevista-gilles-brougere-sobre-aprendizado-brincar-jogo-educacao-infantil-ludico-brincadeira-crianca-539230.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

DELVAL, J. **Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FORTUNA, T.R. Sala de aula é lugar de brincar? In XAVIER, M. L. M. DALLA ZEN, M. I. H. (org.) **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. Porto Alegre: Mediação, 2000. (Cadernos de Educação Básica, 6) p. 147-164

FORTUNA, T.R. Vida e morte do brincar. In: ÁVILA, I.S. (org.) **Escola e sala de aula: mitos e ritos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 47-59.

GODOY, Arilda Schimidt. A Pesquisa Qualitativa- Tipos fundamentais. São Paulo: **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 4, 1995.

LA TAILLE, Y. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006

LA TAILLE, Yves de. **Nossos alunos precisam de princípios, e não só de regras | Criança e Adolescente | Nova Escola**. Edição 213, Junho/2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/fala-mestre-yves-la-taille-466838.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

LECLERC, Gesuína de Fátima Elias; MOLL, Jaqueline. Programa Mais Educação: avanços e desafios para uma estratégia indutora da Educação Integral e em tempo integral. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 45, p.91-110, Jul./set. 2012. Mensal.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, SimaNisis. **Formação Humana e Capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOLL, Jaqueline (Org.). **Caminhos da Educação Integral no Brasil**: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012.

MOLL, Jaqueline. **Educação Integral na Educação Básica**: Paulina: Fórum Internacional de Educação, 2011. 25 slides, color. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=13667&Itemid=. > Acesso em: 15 abril.2015.

ZABALA, Miguel. Os dilemas práticos dos professores. **Pátio Revista Pedagógica**, nº 27, ago/out, 2003, p. 8-11